



ISSN: 2595-5713

Vol. 5 | Nº. 9 | Ano 2022

### **COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO**

**Alexandre António Timbane**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Marcos Carvalho Lopes**  
**Rodrigo Castro Rezende**

#### **Site/Contato**

#### **Editores**

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

Rodrigo Castro Rezende  
[rodriguez@unilab.edu.br](mailto:rodriguez@unilab.edu.br)

## **EDITORIAL - NOVE NÚMEROS DE CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA – INSISTINDO EM EXISTIR, MESMO QUE TENHA DE RESISTIR!!!!**

Como diriam os poetas, mais um número de Cadernos de África Contemporânea, e com isso, a prova de que se pode existir, resistir e insistir ao mesmo tempo, como se tudo fosse possível de ser feito de uma só vez. Resultado de diálogos profícuos de pesquisadores de duas universidades situadas na Bahia, notadamente, UNEB e UNILAB, Cadernos de África Contemporânea surgiu com o propósito de se constituir enquanto possibilidade de difundir e divulgar resultados de pesquisas no âmbito da História da África, com foco no tempo contemporâneo. Óbvio que entre os africanistas há muito mais diferenças do que consensos, sobretudo em se tratando de um continente sobre o qual recaem inúmeras questões relacionadas com discursos alusivos às identidades, proclamações religiosas, reivindicações políticas ou um sem número de curiosidades. Afinal de contas, o que é África e quais são os povos que nela vivem? Eis algumas das muitas perguntas feitas no âmbito da sala de aula, e que os docentes que lidam com pesquisas desta área encontram grande dificuldade para responder.

Pois bem, foi no processo de construção do Grupo de Pesquisa África do Século XX, e da tentativa de soerguer uma proposta original de mestrado em História da África Contemporânea, que docentes das duas universidades acima citadas iniciaram diálogos diversos com intuito de somar forças e assim consolidar os espaços que em geral são escassos para aqueles e aquelas que pesquisam sobre temas relacionados à história da África dos dias atuais.

Ora, em qual revista poderiam publicar um artigo sobre as reflexões em torno da independência de Costa de Ouro, ou mesmo sobre o golpe perpetrado pelo DERG contra o último imperador etíope? Nossos orientandos (nossos, no caso, dos colegas unebianos e unilabianos) a todo tempo indicavam as dificuldades para publicar seus trabalhos, ou mesmo para fazer um mestrado em que o tema pudesse ser sobre um país ou povo do continente africano. Sim, prezado leitor e querida leitora, no geral, os periódicos acadêmicos brasileiros, em sua maioria, são voltados para questões alusivas à história do Brasil, apesar de que nos últimos dez anos, em certa medida, houve maior abertura nos aspectos relacionados aos temas e objetos.

Contudo, ainda assim ouvíamos os jovens discentes declararem existir problemas para publicar trabalhos análogos aos que publicamos em nossas páginas. E isto, de fato, pode ser atestado na simples verificação dos temas existentes nas monografias, dissertações e teses defendidas nos programas de pós graduação da área de História. Enfim, não se trata de querer que os historiadores deixem de lado os temas e objetos voltados para a história do Brasil. Contudo, a ainda exígua quantidade de trabalhos sobre temas alusivos à África contemporânea é uma evidência de que se aventurar nesta seara se constitui em riscos de não encontrar programas de pós graduação que aceitem os temas e objetos escolhidos, e de periódicos que não possam publicar os artigos, pois há os aspectos relacionados com a aderência e escopo temático.

E se há esta dificuldade para publicar artigos sobre história da África contemporânea, ou de se estudar sobre temas e objetos que estejam imersos nesta área, o que dizer então da combinação existente entre História em Quadrinhos e África? Bem, talvez o leitor e a leitora estejam agora rindo, pois de fato esta é uma pergunta para lá de inusitada. Ainda hoje encontro colegas que atribuem às histórias em quadrinhos um lugar voltado para a diversão e o pueril, destituído de substância, e sem relevância para a História. Aliás, ainda recorro de um dos meus professores da graduação afirmando que os jornais diários jamais poderiam ser usados como fonte para o entendimento do passado, por serem estes destituídos de objetividade. E sobre as histórias em quadrinhos, este mesmo docente, em outra passagem, alegava que eram apenas uma mera distração, e que em nada ajudavam no entendimento do passado.

Este professor, assim como outros tantos, dificilmente dariam crédito para uma pesquisa que reunisse ao mesmo tempo os temas da história da África e das histórias em quadrinhos, posto que tanto um como o outro foram por muito tempo jogados ao lugar do ilegítimo e da irrelevância. As histórias em quadrinhos, semelhante aos filmes e ao cinema propriamente dito, constituem objetos por excelência da história. Suas complexidades por si só são suficientes para desafiar aqueles e aquelas que procuram as pistas das marcas deixadas pelas mãos que fabricam tudo o que está ao nosso redor, e que por conseguinte, possuem sentidos possíveis de serem traduzidos.

Quadrinhos feitos por homens e mulheres que falam línguas e operam com códigos, costumes e hábitos dos povos que vivem no continente africano. Isto tem algo a nos dizer? É possível compreender os países, suas práticas e contextos a partir da leitura de uma história em quadrinhos produzidas por homens e mulheres nascidos na Tanzânia, Ruanda ou Moçambique? Eis uma excelente questão, tão boa quanto aquela em que iniciei este breve texto demonstrando as dificuldades de espaços para quem pesquisa sobre temas relacionados com a história da África contemporânea. E como não poderia deixar de ser, propus esta discussão aliado à celebração de que este é mais um número de uma revista que insiste em existir, como tudo o que possui substância e resiste de forma insistente.

Com este número, dedicamos ao leitor e a leitora artigos dignos de serem lidos e apreciados ao extremo. O presente dossiê traz ao mesmo tempo discussões profícuas sobre histórias em quadrinhos produzidos no continente africano, e de como estes podem ser (ou não) traduzidos. Aliás, o leitor e a leitora terão o texto a seguir, a apresentação do dossiê, em que cada um dos artigos serão apresentados de forma resumida, mas certamente ficarão com grande vontade de ler todos, pois foi assim que fiz no processo de composição deste número. Quadrinhos em África(s) é simplesmente o êxtase para aqueles e aquelas que apreciam trabalhos de grande estilo e construídos sob balizas da ciência e com muita, muita pesquisa mesmo.

O presente número se completa com o artigo de autoria de Ludomilo Raulino Fumo, intitulado “O ritual “kupalha” como caminho para empoderamento e inclusão do poder local (autoridade tradicional) pelo poder político no sul de Moçambique”. Neste artigo, o autor discute sobre um ritual existente no sul de Moçambique, denominado por Kupalha, e de como este passou a ser aceito pelas autoridades governamentais no país em questão. O leitor e a leitora têm em mãos excelentes motivos para lerem páginas que certamente irão contribuir para novas pesquisas, e com elas outras tantas linhas que servirão para inspirações futuras, em verdadeiro moto-contínuo de tentativas de compreensão do passado e do presente deste belo e imenso continente.

Enfim, como sempre, que o leitor e a leitora desfrute destas páginas, e que a ciência se mantenha na direção de continuar traduzindo temas, objetos e eventos, e que o passado possa ser melhor percebido, assim como o presente, e que no futuro tenhamos mais e mais trabalhos sobre África contemporânea, Histórias em quadrinhos e rituais diversos, e que Cadernos de África Contemporânea persista. A todas e todos uma excelente leitura!

**Ivaldo Marciano de França Lima.**